

Navegando com o Velho do Restelo no mar d'As *naus*

Suelio Geraldo Pereira*

<https://orcid.org/0000-0002-5539-1446>

Resumo: Este estudo visa investigar se as críticas expressas pelo narrador e por Vasco da Gama na obra *As naus*, de Lobo Antunes, já estavam implícitas nas advertências proferidas pelo personagem O Velho do Restelo no Canto IV de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Para conduzir nossa análise, consultamos teóricos como Antônio J. Saraiva, Óscar Lopes, Cleonice Berardinelli e Linda Hutcheon, entre outros. Com base neste arcabouço teórico, concluímos que a crítica desconstrutiva de Lobo Antunes constitui uma maturação amarga e severa do prognóstico delineado por Luís de Camões através da figura do Velho do Restelo.

Palavras-chave: Estudo comparativo. Literatura portuguesa. Camões. Lobo Antunes.

Sailing with The Old Man from Restelo through the sea of *As naus*

Abstract: This study aims to investigate whether the criticisms found in *As naus* by Lobo Antunes, expressed by the narrator and Vasco da Gama, were already implicit in the warnings given by the character O Velho do Restelo in Canto IV of *Os Lusíadas* by Luís de Camões. Our analysis draws on theorists such as Antônio J. Saraiva, Óscar Lopes, Cleonice Berardinelli, and Linda Hutcheon, among others. Based on this theoretical framework, we conclude that Lobo Antunes' deconstructive criticism represents a bitter and severe evolution of the prognosis initially presented by Camões through the character of O Velho do Restelo.

Keywords: Comparative study. Portuguese literature. Camões. Lobo Antunes.

Navegando con el Viejo del Restelo en el mar de *As Naus*

Resumen: Este estudio investiga si las críticas del narrador y Vasco da Gama en *As naus*, de Lobo Antunes, ya estaban implícitas en las advertencias del carácter O Velho do Restelo en el Canto IV de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Para realizar nuestro análisis, consultamos teóricos como Antônio J. Saraiva, Óscar Lopes, Cleonice Berardinelli y Linda Hutcheon, entre otros. A partir de este marco teórico, concluimos que la crítica desconstrutiva de Lobo Antunes representa una maduración amarga y severa del pronóstico inicialmente presentado por Camões a través de la figura del Velho do Restelo.

Palabras clave: Estudio comparativo. Literatura portuguesa. Camões. Lobo Antunes.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutorando em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa - na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com bolsa FAPEMIG. Mestre em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (CAPES nível II). E-mail: sueliopo3@hotmail.com.



Introdução

Neste artigo, visamos estruturar um estudo comparativo entre o discurso do Velho do Restelo presente em *Os Lusíadas*, epopeia de Luís de Camões (1965), e as narrações de Vasco da Gama e do narrador em terceira pessoa constantes em uma parte da obra *As naus*, de Lobo Antunes (1988).

Para isso, investigamos, nas falas desses personagens, críticas às navegações marítimas portuguesa e à incessante busca por fama e riquezas por parte daqueles que almejavam e/ou tão somente idealizavam se lançarem ao mar no período das Grandes Navegações; percurso esse que se inicia na fala agourenta do Velho, de Camões, proferida na praia do Restelo, e reverbera na voz analítica do personagem Vasco da Gama – na obra de Antunes. Isso porque, parece-nos, Antunes reflete sobre uma época que prometeu muito e que cumpriu pouco, em todos os sentidos, antes mesmo de falar do presente degradado e depreciativo da Lisboa portuguesa de seu tempo.

A partir dessas convergências e reflexões iniciais, entre uma obra e outra e seus respectivos narradores principais, observamos também que, embora em sua epopeia Camões louve Portugal e seu povo, entrevemos nas palavras do ancião do Restelo um julgamento ameno; não ao ponto da saturação, mas num exímio e apurado exercício para captar e expor essa contradição em que tudo era empenhado em prol da realização das grandes expedições marítimas, inclusive e primordialmente, pessoas (a “gente marítima e a de Marte”), como podemos ver na passagem a seguir:

84

E já no porto da ínclita Ulisséia,
C’um alvoroço nobre e c’um desejo
(Onde o licor mistura e branca areia
Co’o salgado Neturno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Então para seguir-me a toda parte¹
(Camões, 1965, p. 375).

¹ Neste estudo, utilizaremos para todas as citações, e respeitando a grafia da época, a obra *Os Lusíadas* da Edição de Ouro, publicada em 1965, com comentários de Francisco da Silveira Bueno.

Como afirmam Antônio José Saraiva e Óscar Lopes (2000) – dois dos teóricos aos quais recorreremos para fundamentar a nossa pesquisa –, há, em *Os Lusíadas*, uma visão sensata que se opõe à revolucionária heroicidade humana. Essa sensatez está na visão da “decadência nacional cuja lúcida previsão se atribui ao Velho do Restelo” (Saraiva; Lopez, 2000, p. 336).

Dadas essas considerações, uma vez que o objetivo deste estudo é analisar a confluência entre as vozes dos referidos personagens, com ênfase nas críticas explícitas e/ou veladas presentes nesses discursos, para alcançar o nosso intento pautaremos o nosso foco no diálogo no qual a voz do Velho – perpassada pela visão arguta de Camões – ressoa, anos depois, na voz de Vasco da Gama e na do narrador de *As naus*, escrito por Lobo Antunes.

Da voz do Velho do Restelo à de Vasco da Gama e à do narrador em *As naus*

A princípio, para contextualizar a nossa análise, faz-se necessário situar em qual patamar se encontra o personagem, que atende pelo nome de Velho do Restelo, quando a ele nos referirmos.

Uma vez que o Velho se fazia presente na praia constantemente – razão pela qual viu e presenciou muitas cenas solenes e dolorosas de despedidas –, o personagem demonstra que tinha “aspeito venerando”. Isso porque, sua voz, quando descreve o que seus olhos testemunhavam nessas ocasiões à época, denota tons que atravessam o limiar entre a crítica e a repulsa para a cobiça humana, como podemos observar nas passagens a seguir:

94

Mas um velho, de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,

Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

95

'Ó gloria de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gôsto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

96

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Gloria soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

97

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhes destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometeràs? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?
(Camões, 1965, pp. 380-382).

Nota-se, com base nos trechos citados, que o ancião utilizou o que estava ao seu alcance, naquele momento, para opinar contra o teatro encenado diante dos seus olhos. Isto é, utilizou o verbo, a palavra. Percebe-se, também, que o desejo por sempre possuir mais transparece, nesse “mais”, como possibilidades de obter riquezas, fincar e firmar status por meio de um nome famoso; ou, ainda, de erigir uma história e honra relevantes, como quando ele declara: “Ó gloria de mandar, ó vã cobiça/Desta vaidade a quem chamamos Fama!/Ó fraudulento gôsto, que se atiça/C'uma aura popular, que honra se chama!” (Camões, 1965, p. 381).

Portanto, o Velho, “C'um saber só de experiências feito”, consegue premeditar, ouvir o futuro do país e o da sua população no murmúrio das águas e, em consciência,

expressa “Tais palavras” proféticas de “experto peito” sobre os desejos humanos de “Fama e Glória”: “Que perigos, que mortes lhes destinas/ [...] / Que promessas de reinos e de minas/ de ouro, que lhe farás tão facilmente? / [...] / Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?” (Camões, 1965, p. 382).

Podemos, desse modo, afirmar que essa intuição tão clara – presente no Velho do Restelo – advém do Poeta, Camões, como demonstra a leitura de Cleonice Berardinelli no capítulo “Os Excursos do Poeta n’*Os Lusíadas*” do seu livro *Estudos camonianos* (2000). Soma-se o fato de que, nas três últimas estrofes que fecham o canto do Velho, temos, como afirma Berardinelli, “a reflexão do poeta, mesmo sob o disfarce do Velho, que vários camonianos identificam a Camões” (Berardinelli, 2000, p. 36).

Entre esses vários “camonianos”, citados por Berardinelli, temos Hernâni Cidade (1953), que destaca os fatos evidentes da história marítima portuguesa e as experiências ruins na vida do autor como causas da sua crítica pessimista e velada. Por isso, o pesquisador afirma que:

[...] o Poeta se mostra o homem que, no fim do século, depois de todas as experiências pessoais e das registradas na História trágico-marítima, não pode ter, em face da empresa, das suas consequências históricas, do seu significado humano, o orgulho otimista do momento em que ela foi iniciada (Cidade, 1953, p. 126 *apud* Berardinelli, 2000, p. 50-51).

Fato é que, quando Camões escreveu o seu épico, o contexto histórico era outro – não mais o período das Grandes Navegações. Ou seja, o autor português já tinha vivido e presenciado agruras trágicas tanto em terra quanto em mar, algo que se reflete, justamente, na crítica que emerge em alguns excursos,² como os que são proferidos pelo Velho. Todavia, são justamente essas críticas, reflexões e queixas uma das grandezas do poema, que, “à medida que se faz, questiona não somente o contexto que utiliza, mas o próprio enunciado que consagra este contexto”. Nessa perspectiva, sua matéria épica “permanece válida, mas não indiscutida: há pelo menos duas verdades possíveis”

² Para Cleonice Berardinelli, encontramos no épico de Camões uma satisfatória porcentagem de participações do Poeta: são “mais de 8% d’*Os Lusíadas* constituídos por excursos – reflexões, exortações, queixas – nos quais situamos, evidentemente, as partes iniciais do poema – Proposição, Invocação e Dedicatória – e a exortação final a d. Sebastião” (Berardinelli, 2000, p. 33).

(Berardinelli, 2000, p. 55): a enunciada por Camões e a propagada pelo governo imperial português.

É relevante dizer também que, embora o Poeta atravessasse um período turvo e confuso, que não o permitia descrever sua queixa de modo mais transparente, capturamos nas entrelinhas da voz profética do Velho uma crítica ao futuro desejado, grandioso e sublime de Portugal. Desejo esse incomensurável no qual se lançava o luso sem a nada questionar. Por isso, são fundamentais as indagações do Velho sobre o que poderia se originar a partir da cegueira humana que ele observava: “A que novos desastres determinas/De levar estes Reino e esta gente?/Que perigos, que mortes lhe destinas,/Debaixo dalgum nome preminente?” (Camões, 1965, p. 382).

Percebemos, ainda, que as respostas para essas premonições acertadas do Velho, proferidas no porto da praia esbranquiçada da “Ulisseia” (Camões, 1965, p. 375) – antes de as âncoras serem levantadas e antes de as embarcações zarparem –, são respondidas por outros personagens: Vasco da Gama e o narrador de *As naus*.

Este romance escrito por António Lobo Antunes, em 1988, retrata o retorno de grandes figuras das navegações marítimas – viventes nas ex-colônias portuguesas (essencialmente em Angola) – para a Portugal de então. Logo, nota-se que, na proposta dessa obra, há uma aproximação de épocas e de momentos distintos, como ilustra Silvana Oliveira, isto é, “o século XVI com as conquistas marítimas portuguesas e as décadas de 60 e 70 do século XX” (Oliveira, 2008, p. 1).

Em *As naus*, Antunes realiza, portanto, um resgate do passado glorioso e o compara à pátria portuguesa atual, que – na narrativa – se mostra estagnada e em plena decadência. Desse modo, há uma convergência de contextos, que favorece um diálogo entre as vozes dos personagens e os períodos nos quais as narrativas se apresentam e se intercalam. Essa dinâmica resulta numa combinação entre um passado, que está retratado nas figuras pretéritas, em contraponto com o presente, que se insinua pelas imagens atuais das cidades e de seu desenvolvimento industrial.

Outro aspecto interessante, que a obra *As naus* evidencia, são as modulações no foco narrativo. O narrador em alguns momentos apresenta-se ora em primeira pessoa, ora em terceira pessoa. Entendemos que esses movimentos – fluidos, articulados e

representados pela voz do narrador de *As naus* – buscam conciliar pontos de vista plurais e multifacetados sobre o tema: sejam as perspectivas das personagens, que narram suas aventuras quando testemunharam ou viveram o período das navegações, sejam as perspectivas do próprio narrador, que nos conta os acontecimentos dessas mesmas aventuras, porém, observando-as a partir do instante mesmo da enunciação, forjando, assim, uma ponte entre passado e presente e vice-versa.

Entendemos, desse modo, que Lobo Antunes não estava interessado em expressar um ponto de vista prioritariamente relacionado à sua história – aspecto esse mais evidente quando lemos um romance, cujo narrador é onisciente, personagem ou testemunha; ou, ainda, nos termos de Genette (2017), heterodiegético, autodiegético ou homodiegético. Longe dessas características romanescas, o que testemunhamos em *As naus* – além de uma incrível riqueza estilística, narrativa e histórica – são vozes envolvidas no processo histórico de conquista, exploração e catequização, ações que, na narrativa, se mostram infligidas pelos próprios colonizadores portugueses. Desse modo, Lobo Antunes decide concentrar principalmente o seu foco narrativo nos discursos desiludidos dos grandes homens do “sonho português”.

Assim, ao reatualizar figuras da tradição histórica e cultural portuguesa, transformando-as em loucos, palhaços e marginais, Antunes faz com que Portugal se contemple de modo mais cristalino, factível e não sob um véu mítico. Nesse sentido, *As naus* se mostra como um texto que causa mal-estar e incomoda aqueles que acreditavam ainda ser possível recuperar as glórias portuguesas do passado; seja por lançar uma visão irônica e crítica³ para esse tempo, seja pela reescrita dos acontecimentos transcorridos naquele mesmo período.

³ Não fora apenas Lobo Antunes aquele quem realizou uma retomada desvirtuada do passado grandioso português. Na geração de 70, do século XIX, temos como um dos seus grandes exemplos Antero de Quental. Porém, anos antes, Almeida Garrett já insinuara uma visão apurada sobre esse passado imortal na crença popular, como se lê nesta passagem retratada pela autora Teresa Cristina Cerdeira Silva: “se a falência da imagem secular do país como cais de partida parece ser articulada quando o império se desfaz nos anos 70, a consciência da necessidade desse olhar para dentro de casa é um projeto que Garrett já anuncia com perspicácia nas suas *Viagens na minha terra*” (Silva, 1999, p. 12). Na contemporaneidade, temos o escrito *Uma viagem à Índia*, do português Gonçalo M. Tavares, e uma narrativa da brasileira Nélida Piñon, *Um dia cheguei a Sagres*, como obras que continuam esta saga de rever o passado com

Compreendemos, então, que em *As naus* a narração em primeira, que se desenvolve entrelaçada a uma narração em terceira pessoa, é realizada por uma figura histórica, que se alterna nesse jogo do narrar. Alternância essa que ocorre, justamente, para alcançar o intento que mencionamos: ilustrar o passado – conciliando testemunhos, memórias, especulações e idealizações do que foram os anos das Grandes Navegações – , porém, intrincando esse passado narrado a uma perspectiva mais crítica e crível contada a partir do presente. Dentre essas figuras históricas destacam-se: Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, Luís de Camões, Diogo Cão e Gil Vicente, para mencionar alguns. Nas palavras da autora Silvana Oliveira:

[...] essas figuras carregam a história pessoal de pessoas que viveram na colônia em situações comuns aos portugueses que deixaram a metrópole em busca de oportunidades em Angola e, ao mesmo tempo, carregam a identidade das personalidades históricas do século XVI, tornadas presentes não só no nome, mas também como uma parte dessa identidade híbrida que cada uma das personagens carrega ao longo do romance (Oliveira, 2008, p. 1).

Ocorre que esse jogo do narrar também aparece em *Os Lusíadas*. Baseando-se nas epopeias antigas, Camões insere “um narrador principal que introduz um segundo narrador, o herói – lá, Ulisses ou Enéias; aqui, Vasco da Gama” (Berardinelli, 2000, p. 32). Dessa maneira, encontramos no épico português o revezamento entre os vários narradores, principalmente, entre o narrador principal e Vasco da Gama, como argumenta Berardinelli ao dizer que o:

[...] narrador 1 [narrador principal] toca o relato da viagem, da Ilha de Moçambique a Melinde, onde é substituído pelo Narrador 2 (Vasco da Gama), que, começando por situar Portugal na Europa, narra-lhe a história (que, obviamente, inclui a viagem até Moçambique); volta o Narrador 1, que a retoma, transmitindo a função a narradores eventuais: Veloso, Paulo da Gama, a falar do passado; Júpiter, a Ninfa e Tethys, do futuro [...] (Berardinelli, 2000, p. 32-33).

Nessa mesma linha de raciocínio, na obra *As naus*, Vasco da Gama é em alguns momentos um personagem e, em outros, um narrador em primeira pessoa – o Narrador 2 que em *Os Lusíadas* conta a história do reino e sua viagem de barco até Moçambique

olhos outros. Para saber mais sobre a temática da desilusão portuguesa, sugerimos conferir os livros de Eduardo Lourenço *O labirinto da saudade* e *A nau de Ícaro*.

–, o que gera um movimento oscilatório da narração. É o que observamos, por exemplo, nesta cena em que ele e o rei D. Manoel se aproximam do rio Tejo como dois anciões, sem os adornos que outrora, no período imperial, simbolizaram poder:

Vasco da Gama e o monarca decidiram-se por um talude junto ao rio, D. Manoel despido da coroa de lata e do manto de arminho e o marinheiro desembaraçado do peso da espada, e sentiram-se finalmente iguais, na sua decrepitude e no seu cansaço, ao cabo de tantas separações, equívocos, amuos e intrigas de escudeiros. A fragata dos pinguins cruzara a barra há muito, transportando a sua carga e de biólogos de bata, incubadoras de radiações ultravioletas e atlas científicos, a corte cochichava longe deles no restaurante de baptizados do castelo de São e Jorge, a arraia-miúda juntava pedregulhos e fervia, cafeteiras de óleo de girassol para a defesa da cidade, e nós ali, sozinhos, no silêncio e na paz da tarde, examinando as tágides sem força para lutar contra as marés e impregnando-nos lentamente de uma doçura de trevas. As pálpebras de galo idoso de Sua Majestade encontraram as minhas, por igual pregueadas e pisadas, e por momentos assaltou-me a ideia absurda de sermos um único indivíduo que se observava ao e espelho, surpreso dos adereços das golas, dos brincos e das fivelas de ouro, de cócoras rente à água a salvo de cortesãos e aduladores, mais vulnerável e frágil do que um grumete em desgraça. Preparava-me para contar ao rei os meus anos de África, o embarque da tropa, os guerrilheiros que chegavam do interior para ocupar Loanda (Antunes, 1988, p. 61, grifos nossos).

Como podemos notar no primeiro destaque dessa passagem, Vasco da Gama é um personagem igual ao rei, o narrador em terceira pessoa é quem relata a sua trajetória pela margem do rio até um talude para observar as marés. Já no segundo destaque, Vasco da Gama assume a narração em primeira pessoa e, na sua perspectiva, conta sobre as Tágides enfraquecidas, a sua decrepita semelhança com D. Manoel e a vontade por expressar os anos sofridos que viveu na África, no tempo das colônias. Dessa maneira, vemos uma clara alusão ao que afirma Silvana Oliveira sobre *As naus*, quando observamos o retorno do tema secular da aventura marítima portuguesa, porém, de forma diferente, numa “vigorosa crítica ao tempo presente, materializada pelas figuras dos retornados de África, após as guerras coloniais” (Oliveira, 2001, p. 295-296). Em outras palavras, Antunes parodia as “gloriosas” navegações de Portugal.

Paródia: uma outra forma de viagem

A relação da paródia com o passado, utilizada por alguns escritores, é bem explicada por Linda Hutcheon. Para ela, alguns artistas modernos parecem ter reconhecido que a:

[...] mudança implica continuidade e ofereceram-nos um modelo para o processo de transferência e reorganização desse passado. As suas formas paródicas, cheias de duplicidades, jogam com as tensões criadas pela consciência histórica (Hutcheon, 1989, p. 15).

Todavia, é interessante compreendermos a partir dessa citação que o alvo da paródia nem sempre é o texto parodiado: pode abranger contexto(s), costume(s), personagem(ns) e até um passado histórico, visando o objetivo de lançar uma nova luz sobre algo já retratado em outro escrito e em outro período da História. Podemos observar um exemplo disso quando Vasco da Gama, ao retornar de um passado “glorioso”, depara-se com:

[...] uma terra de que sobrava o gume dos telhados e o pagode do coreto, submergida pela imensa extensão de água parada do Tejo, que afogava quintas, vacas e muros, empurrada pelas chuvas de Novembro (Antunes, 1988, p. 57).

Esse aumento das águas do Tejo – em que o rio submerge casas, ruas, igrejas, pastos –, se percebido pelo viés da paródia, pode figurar simbolicamente como a representação de um “apagamento” de parte das Grandes Navegações na História. Um tempo que se foi e que não mais pode ser resgatado,⁴ porque se afundou com os seus louros e ouros nas águas. Isto é, o mesmo elemento natural em que se lançaram os navegadores naquela pregressa época de viagens além-mar é, agora, a mesma água que devolve a Vasco da Gama uma Vila destroçada na qual a vida precisa continuar com os restos.

⁴ O termo “resgatado” foi utilizado no sentido de retomada do tempo, ou seja, de um período que já não pode ser mais vivido. Entretanto, Lobo Antunes consegue realizar outro tipo de resgate desse tempo por meio da paródia.

Portanto, tal como no episódio da máquina do mundo, em que Tétis mostra o futuro ao comandante das naus, em *Os Lusíadas*, esse Vasco da Gama assiste à destruição causada pelo temporal, que, na inundação, dissolve o inacabado Museu Marítimo – antes pretensamente destinado a “perpetuar” o seu lustre. Isso porque o Tejo, de alguma forma, precisava afogar tudo para só depois – no refluxo “semelhante ao engolir do cuspo” – limpar e deglutir as memórias doloridas de um “antes”. Ou seja, do passado que, ao longo da escrita, retorna pelas lembranças de Gama, como percebemos nessa passagem em que o narrador relata as reminiscências do navegador português:

[...] e lembrou-se de quando o chamaram ao Paço, lhe entregaram uma frota e o mandaram à Índia, oferecendo-lhe, para o ajudar, um maço de mapas de continentes inventados, pilhas de relatórios mentirosos de viajantes pedestres e um capuchinho de cilício e terço em punho, investido da tarefa específica de benzer os moribundos. Lembrou-se do Restelo de manhã, à hora da partida dos veleiros, da corte instalada num palanque com um toldo de franjas para o ver largar, das aias que beliscava às cegas nos jardins do palácio, confundindo o seu odor de pedra-pomes com a essência de passiflora da rainha. Lembrou-se dos bispos paramentados a ouro, do núncio apostólico e dos seus óculos escuros de mafioso taciturno, das decotadas embaixatrizes de países longínquos, do mercado a assistir, suspenso, ao levantar das âncoras. Lembrou-se dos corvos que recitavam o Hino da Carta nas tabernas, lembrou-se do povo, ai, do povo, a acenar bandeirinhas verdes e encarnadas, da velha que me atirou uma bênção angulosa de profeta ao bolinarem já para as correntes da barra [...] (Antunes, 1988, p. 58).

Como podemos ver, Vasco da Gama, ao mesmo tempo em que lembra dos feitos passados, junto às lembranças expressa também um amargo julgamento, uma ironia para com Portugal e para com o seu povo néscio, que idolatrava a dor. Esse narrador ilustra e recupera, ainda, um estereótipo comum à época: o de homem cego pela ganância, primordialmente representado pelos mais jovens, cuja desesperação acrescentavam às “Mães, esposas, irmãs, que o temeroso/amor desconfia”, nesse medo e compaixão seguidos pelos “velhos e os meninos [...],/Em que menos esforço põe a idade” (Camões, 1988, p. 378-379). Jovens gananciosos que desacreditavam, então, no bem mais precioso, que é a vida, aparelhando “a alma pera morte,/Que sempre aos nautas ante os olhos anda” (Camões, 1988, p. 376).

Por sua vez, ao retornarmos ao Velho do Restelo, podemos de igual modo perceber em *Os Lusíadas* outro exemplo em que há uma consonância entre paródia e

história, na medida em que – ao revés do povo acenando “bandeirinhas verdes e encarnadas” – o Velho enuncia palavras atemporais, permeadas de um senso crítico que afronta os impulsos e os apegos a uma idealização desmedida:

99

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome, esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:
(Camões, 1965, p. 383).

O que se nota, na voz do Velho do Restelo, é também uma crítica, nada velada, a uma “leve fantasia” na qual os desejos humanos de vaidade escamoteavam as verdadeiras consequências dos atos. O narrador alude àqueles que – excessivamente inebriados pela ideia de se lançarem fortuitamente às Grandes Navegações – fantasiavam futuros grandiosos, acontecimentos sublimes, ações garridas, desconhecendo, racionalmente, que, no mínimo, o que os esperava era uma morte por febre,⁵ que viria a ser o fim de muitos.

Já em *As naus*, tanto o narrador em terceira pessoa quanto o narrador em primeira pessoa (Vasco da Gama) mostram-se mais mordazes, a ponto de ironizarem os reis, principalmente D. Manoel; algo que podemos depreender quando lemos o trecho “nem o parvo do rei julgava que eu voltasse [...], o encontrei [...] envelhecido afastando as moscas com o ceptro, de coroa de lata com rubis de vidro na cabeça e hálito de puré de maçã de diabético [...]” (Antunes, 1988, p. 59-60).

⁵ Em artigo de Cristina B. F. M. Gurgel e Rachel Lewinsohn, intitulado “A medicina nas caravelas - Século XVI”, temos uma melhor explicação sobre as principais doenças causadoras das mortes nos navios: “As causas mais frequentes de óbito a bordo eram febres de origens diversas e distúrbios digestivos. Dentre as doenças cujo quadro clínico sugere um diagnóstico identificável (em que pesem as óbvias dificuldades de tais tentativas) encontram-se a febre tifoide, varíola, sarampo, difteria, escarlatina, caxumba, coqueluche, tétano e tuberculose” (Gurgel; Lewinsohn, 2010, p. 111). Em *Os Lusíadas*, Canto V, Estâncias 81 e 82, observamos a descrição de uma dessas doenças que assolavam os marinheiros, sendo presumivelmente o escorbuto: “E foi que, de doença crua e feia,/A mais que eu nunca vi, desampararam / Muitos a vida, e em terra estranha e alheia/Os ossos para sempre sepultaram/ [...]” (Camões, 1965, p. 436).

Outra similar ofensiva, também na mesma obra, é direcionada à Igreja Católica: “capuchinho de cilício e terço em punho, investido da tarefa específica de benzer os moribundos” juntamente com “bispos paramentados a ouro, do núncio apostólico e dos seus óculos escuros de mafioso taciturno” (Antunes, 1988, p. 58). Somado a isso, os narradores (em primeira e em terceira pessoa em *As naus*) estendem, ainda, críticas à mitologia e ao valor simbólico que inúmeras figuras mitológicas representavam, naquele tempo das Grandes Expedições, embora fossem renegadas pela Igreja Católica:

[...] uma epidemia de moléstias ribeirinhas extinguiu praticamente as tágides, reduzidas a um pequeno cardume de sereias grisalhas que se alimentavam dos esgotos de Chelas e do sedimento da Siderurgia, jogado às ondas por intermédio de uma complicada rede de canais (Antunes, 1988, p. 60-61).

Vale ressaltar que não encontramos, nessas descrições, as belíssimas “Tágides”, as ninfas do rio Tejo, exalando jovialidade, encantos para os argonautas. Isso porque os deuses e semideuses, que já tinham desfilado nas linhas traçadas pelo engenho e arte de Camões – isto é, seres sublimes e semi-imortais –, envelheceram e se deterioraram tal e qual pereceram Vasco da Gama, o rei D. Manoel, assim como a finitude é um desfecho certo reservado a todos os seres humanos. Certo é que, no presente da narrativa, essas figuras atuam como partes de um passado, de um “reyno” e “Lixboa”, que, também, são grafadas em ortografia arcaizante. Duas palavras que transportam para o plano da escrita

[...] a denúncia de uma atitude passadista na mentalidade portuguesa. De um lado, representantes de um modelo ideológico do passado, e uma grafia arcaica; de outro, o Presente que irrompe, nas referências à Revolução dos Cravos ou à perda das colônias africanas, tempo marcado pela decadência dos sonhos e mitos (Alves, 2006, digital *apud* Tavares, 2009, p. 7).

Ou seja, é por meio desse discurso desiludido com o “sonho português”, enunciado por grandes homens e mulheres – estas também contantes no romance de *As naus* – que Antunes exprobra, ao mesmo tempo, passado e presente. Ao reatualizar figuras da tradição histórica e cultural portuguesa, transformando-as em loucos, palhaços e marginais, o autor possibilita que Portugal, agora no século XX, contemple as próprias fissuras e desatinos históricos no espelho transparente de uma narrativa sem disfarces nem idealizações viscerais.

As naus, portanto, é um texto que causa mal-estar e incomoda aqueles que ainda acreditavam (ou acreditam) ser possível recuperar glórias passadas, seja pelo fato de a obra lançar uma visão paródica e irônica para esse passado, seja pelo fato de a obra reescrever esses acontecimentos. É por isso que, para favorecer essa reflexão aos leitores, Antunes utiliza determinados recursos formais como a paródia e velhos símbolos ou imagens transplantadas para novos contextos culturais.

Na visão de Antônio Saraiva e Óscar Lopes, o romance de Lobo Antunes é o “cruzamento parodisticamente anacrônico de figuras da Expansão e de retornados da descolonização” (Saraiva; Lopes, 2000, p. 1110). Dessa maneira, através de deslocamentos para situações contextuais diferentes, reciclam-se cenas e personagens oriundos de uma determinada tradição. Logo, em *As naus*, percebe-se que o autor realizou uma espécie de desconstrução paródica do passado, possibilitando recriá-lo em uma perspectiva invertida, às avessas, esvaziando-o de uma pretensa dimensão épica e gloriosa.

Vale lembrar, nas palavras de Linda Hutcheon, que paródia é repetição e “imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo” (Hutcheon, 1989, p. 54), sendo os seus principais operadores formais a ironia por “transcontextualização” e a inversão em um “âmbito de *ethos* pragmático [que] vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial” (Hutcheon, 1989, p. 54).

Ainda sobre esse tópico, a autora acrescenta que a paródia não é uma pura imitação nostálgica de modelos ou formas do passado: “é uma confrontação estética, uma recodificação moderna que estabelece a diferença no coração da semelhança” (Hutcheon, 1989, p. 19). Como vimos, é exatamente isso o que realiza Antunes, na escrita de *As naus*, em que o eco do passado – que perdurou e alcançou os nossos dias – é recodificado, remodelado e parodiado nessa obra.

Portanto, podemos considerar que os dizeres do Velho do Restelo – que conclamava, naquele momento histórico bem circunscrito, a pensar mais e a indagar qual era a relevância e em quais frutos resultariam aquelas empreitadas – são retomados, agora, numa outra estética, “com implicações simultaneamente culturais e ideológicas” (Hutcheon, 1989, p. 70), como podemos observar no exemplo que se segue, no qual a voz do Velho registra o seu aviso de alerta:

102

Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
 Nas ondas vela pôs em sêco lenho!
 Digno da eterna pena do Profundo,
 Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
 Nunca juízo algum alto e profundo,
 Nem cítara sonora ou vivo engenho,
 Te dê por isso fama nem memória,
 Mas contigo se'acabe o nome e gloria!

103

Trouxe o filho de Jápeto do céu
 O fogo que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o mundo em armas acendeu,
 Em mortes, em desonras (grande engano)!
 Quanto melhor nos fora, Prometeu,
 E quando pera o mundo menos dano,
 Que a tua estátua ilustre não tivera
 Fogo de altos desejos que a movera!

104

Não cometera o moço miserando
 O carro alto do pai, nem o ar vazio
 O grande arquitecto co'o filho, dando,
 Um, nome ao mar, e, outro, fama ao rio.
 Nenhum cometimento alto e nefando
 Por fogo, ferro, água, calma e frio,
 Deixa intentado a humana geração,
 Mísera sorte! Estranha condição!
 (Camões, 1965, pp. 384-385).

Assim, notamos que se apresentam resquícios, desse mesmo aviso e admoestações do Velho, na antiepopéia antoniana, quando o autor se refere à volta dos vencidos, dos deprimidos, dos sem glória e infortunados. Daqueles que, expulsos das antigas regiões conquistadas, foram acolhidos fosse por uma cheia do rio Tejo, fosse pela decrepitude de um rei, bem como pela piedade e comiseração de Portugal e do seu povo ao que, contudo, transpareciam estar alienados de tudo.

Vasco da Gama e o rei no espelho

Algo que também se pode observar é que tanto antes, no tempo de Camões, quanto agora, na narrativa de Antunes, a população ainda apresenta uma tendência acentuada a se preocupar apenas com aspectos banais e mesquinhos, como se lê no trecho:

[...] o povoado [...] retomou sem transição o quotidiano de sempre, [...] começou a escutar os martelos e os motores das oficinas, o som de bosque do recreio da escola e as máquinas de escrever das repartições do Estado [...] (Antunes, 1988, p. 58).

Nessa nova era, em que a industrialização avança aos sons dos martelos e motores, o jogo tornou-se algo relevante e Vasco da Gama se mostra um especialista nas suas artimanhas. Não querendo apenas ganhar dos camponeses, o antigo conquistador português concebe um

[...] plano medonho de se apoderar de Portugal morgadio a morgadio e cidade a cidade com a sorte dos trunfos e a sua jurisdição delirante estendia-se a Portalegre onde detinha o tribunal e três quartos dos vereadores da Câmara [...] (Antunes, 1988, p. 60-61).

Tal postura incomoda o rei D. Manoel, que, na sequência, convoca Vasco da Gama para um encontro. Neste, ao se observarem, ambos parecem se projetar um no outro, como se fossem indivíduos que contemplam o próprio reflexo em um espelho. Por sua vez, esse enfrentamento os faz perceber que o tempo dos grandes desejos, ambições, conquistas e status passou, pois o que resta para eles é a decrepitude do presente.

Dessa forma, nessa dinâmica de projeção de um no outro e vice-versa, Vasco da Gama cai em si ao perceber que já não é um ser de “agora”, haja vista que lhe restam somente as lembranças, cujos resquícios emergem por meio de uma nostalgia que realça as modificações ocorridas nas pessoas, nos costumes e na própria Lisboa, como se pode observar na passagem abaixo:

[...] o povo abandonava os castelos e mudava-se para o Luxemburgo ou a Alemanha, à procura de trabalho em fábricas de automóveis e de moldes de

plástico. Os duques geriam sucursais de bancos na Venezuela... Os oficiais da escola de Sagres fumavam mortalhas de heroína e exploravam bares em Albufeira. E se os castelhanos invadissem o reyno topariam apenas com ingleses indiferentes no golfe do Estoril, sentinelas a caírem de sono no portão do Estado-Maior do Exército e mulheres vestidas de preto nas aldeias desertas, espalhando as saias em redor de banquinhos de pau, a olharem para o interior de si mesmas um oco absoluto (Antunes, 1988, p. 61).

Esse apego recorrente ao passado, visível na declaração do personagem, pode ser compreendido como uma “condição melancólica [...] associada à experiência de uma perda não superada” (Ginzburg, 1999, p. 24). Perda essa que pode ser interpretada como resultado da especulação de um passado que prometia muito, mas que, como descreve Antunes, em seu texto, não prosperou.

A exemplo de Vasco da Gama, a narrativa menciona que pessoas ilustres na sociedade retornam a Lisboa; uma cidade que, a princípio, deveria fazer com que aqueles que antes partiram se sentissem em casa quando retornassem. Porém, as identidades portuguesas desses que retornam tinham sido esfaceladas, haja vista que, em muito, a idealização de um passado glorioso mostrou-se dissonante à realidade apresentada e vivida por aqueles que, de fato, lançaram-se em alto-mar, a fim de desbravar o Atlântico. Todavia, esses navegantes retornam ao lar, ao contrário do que se poderia supor, e voltar para Lisboa os fez se sentirem ainda mais perdidos, afundando-os em uma sensação de desacolhida e de não pertencimento.

Em seu estudo, Inara de Oliveira Rodrigues (2000) detalha que o espelhamento entre os retornados e a população do presente, no qual Lobo Antunes inscreve sua obra, são pontos de confrontação que:

[...] como espelhos disformes, convivem os ilustres antepassados com os miseráveis portugueses de uma época conturbada entre a realidade e o sonho, como foi o período mais imediato da Revolução dos Cravos (Rodrigues, 2000, p. 172).

Ainda no esteio dessa perspectiva, para Rodrigues (2000), é clara em *As naus* a comparação com o passado, a fim de resgatar o traço de identidade portuguesa pautado nas ilusões de a nação sempre se acreditar como “o centro” ou de só se enxergar por meio de uma identidade firmada e com valor se situada na época gloriosa das Grandes Navegações.

Assim, ao fazer uso dessa dinâmica de espelhamento – seja por meio dos personagens, seja por meio das enunciações deles –, Lobo Antunes resgata de uma forma irônica e paródica essas figuras históricas para favorecer que, agora, vislumbremos esse passado de outro modo, na medida em que “ironia e paródia tornam-se os meios mais importantes de criar novos níveis de sentido – e ilusão” (Hutcheon, 1989, p. 46).

De outro modo, cabe registrar que esse mesmo estratagema e maneira crítica de ver e perceber o mundo já transparecia nas palavras proféticas do Velho do Restelo, no épico *Os Lusíadas*. Observamos que Camões queria, através dessa voz, revelar que o problema central não era a:

[...] correspondência entre os anseios, os valores, as razões e a realidade da vida social e material; problema tanto mais árduo quanto a filosofia platônica assenta o mundo sobre as Ideias e delas faz tudo derivar (Saraiva; Lopes, 2000, p. 323).

Em outras palavras, problema maior era tecer – por meio do cultivo de fantasias desmedidas que alguns insistiam em cultivar – uma “realidade” à parte mesmo da realidade e da vida, como se apresentavam no período das Grandes Navegações, cujas imersões nestas – para além das conquistas e glórias exasperadamente sonhadas – poderiam acarretar, de fato, grandes, dolorosas e irreversíveis consequências.

Considerações finais

Neste artigo, por meio de uma análise literariamente comparativa, foi possível evidenciar que, em alguns momentos, as palavras do Velho do Restelo – o sujeito consciente no Canto IV de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões – conversam com os discursos de Vasco da Gama e do narrador da obra *As naus*, de Lobo Antunes.

Embora cada um à sua época tenha se valido de uma escrita esmerada, com características e estilos próprios, as mensagens de ambos os autores percorreram quase o mesmo e “tão longo caminho duvidoso” (Camões, 1965, p. 378): o de formular, por

meio das suas narrativas, um viés crítico que trouxesse à tona não apenas o tema das Grandes Navegações, mas, também, a questão da identidade portuguesa e das idealizações do seu povo, que durante um tempo almejou incessantemente fama e glória.

Em um primeiro momento, na voz “pesada um pouco alevantando” (Camões, 1965, p. 380) do Velho do Restelo, encontramos o princípio saturado por António Lobo Antunes em *As naus*, que procura refletir sobre uma época que prometeu muito e que cumpriu pouco, em todos os sentidos, antes mesmo de falar do presente degradado e depreciativo da Lisboa portuguesa de seu tempo.

Fato é que ambos os autores, cada um à sua maneira e situados em suas épocas e contextos, pensaram por meio dos seus narradores aspectos relacionados à sina daqueles que se lançavam ao mar, bem como a incessante busca de alguns por fama e riquezas junto aos vislumbres idealizados (e desmedidos) daqueles que intentavam partir além-mar e almejavam retornar como heróis, sem ao menos sequer cogitarem, racionalmente, por quais processos e riscos mortais passariam.

Uma vez que as navegações marítimas portuguesa foram apuradas a partir de passagens específicas, nas obras aqui contempladas, a nossa investigação constatou que a crítica desconstrutiva, feita por Lobo Antunes, pode ser percebida como uma maturação amarga e dura do prognóstico posto por Luís de Camões na voz do Velho do Restelo. Viés esse que corrobora com a hipótese antes suscitada, favorecendo, também, uma sugestão para se ampliar, futuramente, pesquisas em torno do tema e da exposição desenvolvida a partir deste trabalho, a fim de fomentar, ainda mais, análises relacionadas aos estudos de Literatura Comparada.

Referências

ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Lisboa: Edições Don Quixote, 1988.

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. 2. ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Comentado por Francisco da Silveira Bueno. Rio de Janeiro: Livros de Bolso Edições de Ouro, 1965.

GENETTE, Gérard. **Figuras III**. Tradução: Ana Alencar. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

GINZBURG, Jaime. História e melancolia em Literatura e Civilização em Portugal. **Estudos Portugueses Africanos**, Campinas, v. 33, n. 34, p. 21-27, jan./dez. 1999. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/epa/article/view/5377>. Acesso em: 11 jul. 2021.

GURGEL, Cristina B. F. M.; LEWINSOHN, Rachel. A medicina nas caravelas - Século XVI. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, v. VI, n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/cadernos/article/view/35809>. Acesso em: 16 jul. 2021.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Tradução: Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

NOBLE, Debbie Mello. Desconstrução e despertencimento em *As Naus*, de António Lobo Antunes. **Revista Nau Literária**, Porto Alegre, v. 08, n. 02, jul./dez. 2012. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/36226>. Acesso em: 12 jul. 2021.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. *As Naus do Discurso em Antonio Lobo Antunes*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/076/SILVANA_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 03 mar. 2022.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. Relendo as naus portuguesas - ironia e paródia na obra de Lobo Antunes. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 8, p. 295-302, 2001. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10417>. Acesso em: 10 jul. 2021.

RODRIGUES, Inara de Oliveira. **Entre a história e a ficção**: diálogo de várias vozes no resgate da utopia. 2000. 367 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre: PUCRS, 2000.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira. De viagens e viajantes: Camões, Garrett e Saramago. **Revista do centro de estudos português**, Belo Horizonte, v. 19, n. 24, jan./jun. 1999.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/30731>. Acesso em: 04 mar. 2022.

TAVARES, Enéias Farias. O desencanto histórico e religioso no romance *As naus*, de António Lobo Antunes. **Revista Nau Literária**, Porto Alegre, v. 05, n. 02, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/11176>. Acesso em: 13 jul. 2021.

Recebido em 27/05/2024.

Aprovado em 18/09/2024.